

A MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM NO CONTEXTO NÃO-FORMAL NA PERSPECTIVA DA SUBJETIVIDADE

LEARNING MOTIVATION IN A NON-FORMAL CONTEXT IN THE PERSPECTIVE OF SUBJECTIVITY

Pilar de Almeida, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação
Universidade de Brasília, pilar_almeida@hotmail.com

Resumo: A importância da motivação em processos de aprendizagem tem sido historicamente evidenciada por diversas pesquisas na área de aprendizagem e, mais especificamente, de aprendizagem em contextos não formais. Não obstante, diferentes abordagens teóricas e epistemológicas acarretam diferentes concepções sobre o fenômeno da motivação. Como ela se constitui? Como compreender os mecanismos sobre os quais sua dinâmica se processa? Pretendemos abordar essas questões a partir da compreensão da motivação como configurações subjetivas que se organizam no curso da vida do sujeito histórico e concreto. Procuraremos ilustrá-las no contexto de uma visita a uma exposição histórica sobre o Egito e, a seguir, teceremos considerações sobre as implicações dessa perspectiva para o trabalho pedagógico no contexto não formal.

Abstract: The importance of motivation in learning processes has historically been evidenced by various researches on learning and, more specifically, in non-formal learning. However, different epistemological and theoretical approaches lead to different conceptions about the phenomenon of motivation. How does it constitute itself? How to understand its dynamics? We intend to address these issues through the understanding of motivation as subjective configurations which are organized in the course of the subject's life as a historic and concrete subject. We will try to illustrate them in the context of a visit to a historical exhibit about Egypt. Finally, we will discuss some implications of this perspective for pedagogical work in non-formal contexts.

Palavras-chave: Educação Não formal, trabalho pedagógico, aprendizagem.

Como a motivação se constitui nas experiências de aprendizagem dos sujeitos? Como compreender os mecanismos sobre os quais sua dinâmica se processa? Diferentes abordagens teóricas e epistemológicas acarretam diferentes concepções sobre o fenômeno da motivação. A teoria humanista de Abraham Maslow (1954) foi uma das primeiras a estudar a motivação a partir de uma pirâmide de necessidades humanas, onde umas são hierarquicamente mais poderosas que as outras. Necessidades de sobrevivência, por exemplo, precisam ser satisfeitas antes das necessidades ligadas à auto-realização. Perspectivas comportamentais também contribuem para a pesquisa sobre motivação focando a influência de estímulos externos, em forma de reforços positivos, no comportamento motivacional dos indivíduos. Por fim, abordagens cognitivistas aproximam-se da motivação entendendo-a como um interesse, uma necessidade de saber, de um querer alcançar determinadas metas que permitem a mobilização cognitiva para a aprendizagem. (TAPIA e FITA, 2000) Pozo (2002) sugere duas classificações para estudos na área: motivações extrínseca e intrínseca. A primeira refere-se a quando o motivo para se obter algo é externo ao indivíduo. Por exemplo, reconhecimento, recompensas, diplomas, prêmios, etc. A segunda refere-se a um motivo

interno ao indivíduo; isto é, sentidos de auto-realização, satisfação pessoal, interesse pessoal em ampliação de saberes, etc.

De forma diferenciada a essas perspectivas, compreendemos a motivação como um processo engendrado não pela via direta entre o sujeito, a atividade a ser realizada e seus resultados, mas pela via indireta que inclui as formas como esse sujeito produz sentidos subjetivos¹ sobre a realização da atividade e seus resultados. Conforme González Rey (2008) aponta: Os sentidos subjetivos são verdadeiros sistemas motivacionais que – diferente das teorias mais tradicionais da motivação – permitem-nos representar o envolvimento afetivo do sujeito em uma atividade, não apenas pelo seu vínculo concreto nela, mas como produção de sentidos que implicam em uma configuração única de sentidos subjetivos, emoções e processos simbólicos resultantes de subjetivação que integram aspectos da história individual, como os diferentes momentos atuais da vida de cada sujeito concreto. (p. 34). A consideração da dimensão subjetiva do indivíduo introduz, na compreensão da motivação, elementos qualitativos de ordem diferenciada. Permite-nos envolver suas estruturas cognitivas nas configurações subjetivas de sua personalidade, esta entendida como processo aberto, integrador de vivências passadas e novas produções subjetivas em devir. (GONZÁLEZ REY, 2011) Compreender as bases motivacionais como configurações subjetivas implica compreender sua constituição complexa, dinâmica, pluri-determinada e singular.

Uma Visita ao Museu: Há cerca de um mês, saí com meus três filhos para uma exposição sobre o Egito no Museu da República em Brasília. Devido ao meu fascínio por história, uma viagem ao Egito e seus mistérios é assunto recorrente na família. Pedro, de 4 anos, ao ouvir sobre o programa, correu a se esconder embaixo de sua cama. Ao ser questionado, expressou seu enorme medo de ver uma múmia. Lia, de 6 anos, ao ser questionada sobre o que esperava ver na exposição, respondeu que gostaria de subir em uma montanha gigante de areia. Lia tem experiências muito significativas de visitas a exposições de artes plásticas, com instalações imersivas que exploram sentidos sinestésicos; e, obviamente, tem o deserto como representação forte do Egito. Ian, de 11 anos, por sua vez, adora ler uma coleção de livros em que o herói é um menino que encarna um semideus egípcio. Por suas leituras, Ian sabe muito sobre deuses egípcios e suas representações simbólicas. Apesar do sabido interesse e familiaridade com o tema, quando perguntado, expressou apenas o interesse em ver objetos antigos. E, por fim, eu que já tive a oportunidade de visitar grandes exposições internacionais sobre o Egito,

¹ Entende-se como sentido subjetivo a unidade dos processos simbólico e emocionais, na qual a emergência de um deles evoca o outro sem se converter necessariamente na sua causa. (GONZÁLEZ REY, 2003) González Rey entende, dessa forma, o simbólico e o emocional como uma unidade irreduzível, inseparável. A partir de uma abordagem histórico-cultural da psique humana, seu pensamento pressupõe e acarreta diversas reformulações teóricas e epistemológicas. Entre elas: (1) a compreensão de sentido e significado como processos diferenciados onde significados não têm uma relação direta, linear e intencional com os sentidos subjetivos; (2) o sujeito não determinado, compreendido em sua capacidade geradora de cultura e de caminhos pessoais alternativos, que podem emergir como algo original e espontâneo na dinâmica complexa da subjetividade humana; (3) a quebra da tradicional dicotomia entre o social e o individual, na medida em que os indivíduos são, ao mesmo tempo, “constituídos por” e “constituintes da” subjetividade social produzida nos espaços sociais onde atuam. (GONZÁLEZ REY, 2003)

estava encantada ante a possibilidade de ver objetos antigos. No carro, dirigindo para o museu, já me encontrava totalmente transportada para outra época, visualizando mentalmente paisagens das cidades e da vida cotidiana das gentes. (Como se a aura dos objetos se ampliasse a quilômetros do museu!)

Ao chegarmos na exposição, percebemos que se tratava de uma pequena mostra, denominada “O Egito sob o Olhar de Napoleão”, onde estavam expostos os grandes volumes das enciclopédias elaboradas, no século XVIII, pelas excursões científicas napoleônicas. Logo ao adentrar a exposição, nossas expectativas sofreram considerável mudanças e tivemos que, cada um a seu modo, reorientar interesses e motivações a partir do contato com a exposição. Pedro encantou-se com 10 grandes telas de vídeo, que apresentavam versões digitais dos tomos expostos. Na versão digital, os tomos podiam ser “folheados” apenas com o movimento da mão acima da tela. Nisso, Pedro encontrou sua diversão e sua atenção para os desenhos científicos. Lia fixou-se nos desenhos científicos de insetos, assunto de grande interesse e relevância para sua auto-estima, pois desde pequena é a única da escola a segurar insetos com a mão. Este tema, tão significativo para Lia, ganha a seus olhos, de forma inesperada, cunhos históricos e científicos. Ian aproveitou a manipulação das telas de vídeo, em sua paixão por tecnologia, e o reconhecimento das figuras de alguns deuses. Da saída de casa ao fim da exposição, cada um a seu modo, envolveu-se com a exposição produzindo dinamicamente novos processos subjetivos, a partir de configurações subjetivas simbólico-emocionais, sobre as quais novos sistemas motivacionais se formaram para novas possibilidades de aprendizagem. Pedro descobriu-se brincando em um ambiente expositivo; Lia surpreendeu-se com o interesse histórico e científico por insetos (?!); e Ian descobriu-se interagindo com a tecnologia e seus conhecimentos prévios sobre a cultura egípcia.

Implicações para a Aprendizagem e para o Trabalho Pedagógico: O exemplo supracitado demonstra que sistemas motivacionais, para além de simples motores da aprendizagem, como defende Piaget, articulam-se de forma imbricada a conhecimentos prévios e estruturas lógico-cognitivas como condição para aprendizagem e a produção de conhecimento. (GONZÁLEZ REY, 2008; MITJÁNS MARTINEZ e GONZÁLEZ REY, 2012) Conforme Tacca (2008) aponta: “Todo pensamento reflexivo traz em si um aspecto motivacional” (p.49). Presumir essa união indissolúvel entre pensamento e emoção acarreta implicações para o trabalho pedagógico. Nessa perspectiva, as estratégias pedagógicas do professor devem ser entendidas não apenas como métodos ou recursos per se, tais como aprendizagem por projetos, aprendizagem ativa, entre outros; mas como estratégias relacionais que permitam ao educador oportunidades de contato com a expressão subjetiva do aluno. (TACCA, 2008) Pesquisas nessa perspectiva têm evidenciado a importância da natureza dialógica da relação educador-educando. É esta natureza dialógica da relação que permitirá ao educador envolver-se, em sua atuação, com a condição singular do educando, e promover situações de desenvolvimento e de aprendizagem criativa do aluno. (GONZÁLEZ REY, 2003; TACCA, 2008; MITJÁNS MARTINEZ, 2008). A educação não-formal, em suas características tais como o voluntarismo, o apelo ao lúdico, à emocionalidade e à multisensorialidade, a não rigidez das demandas de aprendizagem, a maior liberdade na organização do conteúdo e de ritmo, oferece contextos de ensino e aprendizagem peculiares sobre o qual o motivacional emerge com clareza na forma de produções subjetivas. Compreendê-las, e suas dinâmicas, é parte essencial do trabalho pedagógico

nesses contextos, de forma a promover a aprendizagem emocionalmente implicada e potencialmente criativa do sujeito que aprende.

Referências Bibliográficas:

GONZÁLEZ REY, F. **O Sujeito que Aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica.** In: TACCA, M C. V. R. (Org.) *Aprendizagem e Trabalho Pedagógico*. Campinas: Alínea, 2008. p 29-44.

GONZÁLEZ REY, F. **A configuração subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva.** In: MITJÁNS MARTINEZ, A.; SCOZ, B.L.; CASTANHO, M.S. (Orgs.) *Ensino Aprendizagem: A Subjetividade em Foco* Brasília: Liberlivro, 2012

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade na aprendizagem: uma relação necessária?.** In: TACCA, M C. V. R. (Org.) *Aprendizagem e Trabalho Pedagógico*. Campinas: Alínea, 2008. p 69-94

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. e GONZÁLEZ REY, F. **O Subjetivo e o Operacional na Aprendizagem Escolar: Pesquisas e Reflexões.** In: MITJÁNS MARTINEZ, A.; SCOZ, B.L.; CASTANHO, M.S. (Orgs.) *Ensino Aprendizagem: A Subjetividade em Foco* Brasília: Liberlivro, 2012

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres – a nova cultura da aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

TACCA, M.C. **Estratégias Pedagógicas: conceituação e desdobramentos com foco nas relações professor-aluno.** In: TACCA, M C. V. R. (Org.) *Aprendizagem e Trabalho Pedagógico*. Campinas: Alínea, 2008. p 45-68.

TAPIA, J. A. e FITA, E.C. **A Motivação em sala de aula.** São Paulo: Loyola, 2000